

SORTE, ALÉM DA EFICIÊNCIA

Igor Germano e
Ricardo Mendes
Da equipe do Correio

Como num jogo de azar, milhares de pessoas continuam apostando as fichas na loteria de empregos do Distrito Federal. A diferença é que, nesse tipo de aposta, os 152,5 mil desempregados não têm escolha. Dados da última pesquisa de Emprego e Desemprego (PED-DF), relativos ao mês de julho, revelam que o problema está longe de uma solução. Mesmo com a criação de 1,7 mil postos de trabalho, a taxa de desemprego permaneceu nas alturas (17,7%) e o número de desempregados foi o segundo mais elevado desde 1992 (o recorde foi batido em maio deste ano: 153,4 mil).

Pelo menos dois fatores influenciaram o resultado da pesquisa. Em primeiro lugar, a População Economicamente Ativa (PEA) — formada por trabalhadores com mais de dez anos de idade —, não para de crescer desde novembro de 1996. De acordo com a pesquisa, um novo recorde foi batido e a PEA chegou a 852,1 mil pessoas. O mercado de trabalho não suporta essa pressão. Além disso, há muitos desempregados no Distrito Federal, mas nunca houve tantos ocupados (699,6 mil).

O segundo fator é a crise do comércio, que demitiu 5,5 mil funcionários em apenas um mês. “Em julho, as vendas no comércio caíram 6% em relação ao mesmo período no ano passado”, afirma o presidente do Sindicato do Comércio Varejista do Distrito Federal (Sindivarejista), Lázaro Marques.

Mas, até o final do ano, Lázaro espera que o setor se recupere. “A partir de outubro, o comércio deve contratar mais, principalmente nas empresas especializadas. A solução para criar mais empregos é investir no turismo e, ao mesmo tempo, abrir o comércio todos os dias”, opina.

POBRES E RICOS

“Os grandes responsáveis pelo desemprego no comércio são o Plano Real, a informatização e a falta de dinheiro no bolso dos funcionários públicos, que há muito tempo não têm reajustes nos salários”, enumera o presidente do Sindicato dos Comerciantes, Geralda de Sales. “Mas a gente espera uma recuperação no setor até o final do ano. Em alguns casos, tentamos evitar as demissões. Nos supermercados, por exemplo, negociamos com os empresários a redução dos salários dos empacotadores (hoje, de R\$ 120) para segurar mais gente nos empregos.”

“É preciso investir em informatização para competir”, garante o gerente do supermercado Olho D'Água, do Gama, que enxugou a folha de pagamento e melhorou a qualidade do atendimento. “Conseguimos reduzir de 116 para 88 o número

Fotos: Adauto Cruz



Maria de Lourdes, 22 anos, já sabe que perderá em um mês o emprego de secretária numa associação de feirantes, que deixará de existir quando os ambulantes forem transferidos para a Ceasa

de funcionários nas duas lojas com a adoção do sistema de código de barras nos caixas e ainda melhoramos o serviço prestado aos clientes.”

Os mais pobres têm menos chances na luta por postos de trabalho. Nas regiões de renda mais baixa (Brazlândia, Ceilândia, Paranoá, Samambaia e Santa Maria), a taxa de desemprego chegou a 23,6%, e só foi superada pela taxa de maio de 1996 (23,7%). Nas regiões de renda intermediária (Gama, Taguatinga, Sobradinho, Núcleo Bandeirante, Planaltina, Guará, Cruzeiro e Candangolândia), o desemprego também assusta: a taxa está em 16,9%. A novidade é que, nos últimos 12 meses, a taxa de desemprego nas regiões de renda mais elevada (Brasília, Lago Sul e Lago Norte)

cresceu 27,9% (em julho, foi de 8,7%).

Entre os desempregados, 49,2% são analfabetos ou não completaram o 1º Grau e apenas 2,9% completaram o curso superior. O rendimento máximo dos 10% ocupados com menor renda caiu pelo quarto mês consecutivo, passando de R\$ 127 em junho para R\$ 125 em julho. No outro extremo, o menor rendimento encontrado no grupo dos 10% mais ricos foi de R\$ 2.238,00.

CHINELO DE BORRACHA

Com uma dose de criatividade e outra de talento, o metalúrgico desempregado Tarcísio Melo, 48 anos, conseguiu uma forma de sobreviver ao fato de não encontrar emprego no mercado formal. “Infelizmente, quem

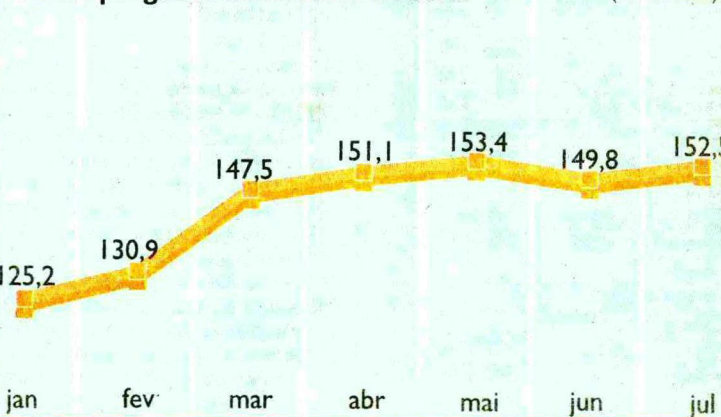
tem mais de 40 anos é discriminado”, observa ele enquanto mostra os chinelos que fabrica em sua casa, no Setor P Norte de Ceilândia. A venda dos chinelos de borracha permite um faturamento de até R\$ 600 por mês. Para isso, Tarcísio trabalha todos os dias e se desloca à medida em que as horas avançam. De segunda a sexta-feira, exhibe seus produtos no Setor Comercial Sul durante o dia e nos setores de Diversões Sul e Norte à noite. No fim de semana, segue com as mercadorias para o Gama.

A PED-DF é uma pesquisa mensal realizada pela Codeplan, Departamento Intersindical de Estatística e Estudo Sócio-Econômico (Dieese), Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE/SP) e Secretaria de Trabalho.

GANGORRA DO EMPREGO

Desempregados no Distrito Federal

(em milhares)



Lojas vazias, calçadas lotadas

O comércio do Distrito Federal cortou 5,5 mil postos de trabalho no mês de julho. Um deles era na sapataria Inspiração, no subsolo do Venâncio 2000. De acordo com a gerente e sócia da loja, Ana Maria Marques Garcia, 33 anos, a crise que a fez reduzir de dois para um o número de vendedores da empresa na metade do ano deverá forçá-la a fechar as portas no início de 1998.

“Vamos ficar com a loja, que é da família, até fevereiro, quando vence o contrato de aluguel”, prevê Ana Maria, que é solteira e mora com uma irmã de 15 anos em um apartamento no Cruzeiro Novo. Para reforçar o orçamento doméstico, a gerente trabalha das 8h às 14h como operadora de telemarketing para uma empresa de tevê por assinatura.

No início de 1997, a sapataria tinha três vendedores. Em março, veio a primeira demissão. Em julho, a segunda. Hoje, apenas José Ribamar Garras, 39 anos, aborda consumidores na porta da sapataria, quase sempre vazia.

Pai de quatro filhos menores de idade, Ribamar enfrenta diariamente duas viagens entre o Plano Piloto e o Novo Gama para garantir o salário de aproximadamente R\$ 500. No ônibus, sobra tempo para pensar sobre o futuro e se assustar.

“A situação deve melhorar no fim do ano, quando as vendas aumentam, mas tenho receio de como será depois de dezembro”, comenta ele.

FRUTAS E PENTES

As vagas que desaparecem no comércio formal tornam mais estreitas as calçadas de Brasília. Enquanto aumenta o desemprego, cresce a quantidade de vendedores de frutas, pentes, artigos importados e produtos artesanais nas ruas da cidade. Mas até esse tipo de atividade informal produz desempregados.

Maria de Lourdes de Melo, 22 anos, sabe que perderá em um mês o emprego

que conseguiu em janeiro, quando foi convidada para trabalhar como secretária da Associação dos Feirantes do Setor Comercial Sul. A ocupação garante a ela dois salários

mínimos, mas está com os dias contados porque a associação deixará de existir quando as barracas de ambulantes forem transferidas para a área no Setor de Indústria que abriga a Feira dos Importados.

O fim da associação torna-se ainda mais preocupante para a jovem porque a entidade emprega também o seu companheiro — Antônio Alípio Sampaio Batista, de 23 anos —, que ganha R\$ 450 pelo trabalho de vigia. Juntos, pagam R\$ 130 de aluguel pela casa em São Sebastião. Mensalmente, a secretária gasta ainda R\$ 44 com passagens de ônibus, R\$

98 com a prestação de uma cama e R\$ 15 para quitar um tanquinho de lavar roupas. “Quero qualquer serviço”, diz a secretária, que estudou informática.



Tarcísio fatura R\$ 600 por mês vendendo chinelos de borracha